

CLIPPING IMPRESSO

04/08/2019



INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. INFORMATIVO.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2 - 3

Mediação de conflitos em recuperações judiciais

POR ANDRÉA MODOLIN
Advogada

A tensão do ambiente de negócios em longos períodos de crise econômica transforma-se em conflito aberto quando um mal desempenho desagrada num pedido de recuperação judicial. Quando uma empresa se posiciona defensivamente para impedir que o negócio quebre, muito da boa relação com fornecedores se deteriorou com os atrasos, promessas não cumpridas e a ausência de respostas, mesmo as inconvincentes. A lisura que deve nortear as relações comerciais é substituída pela perfídia. O bom ambiente é trocado pela casa com pouca farinha, meu pirão primeiro. As críticas construtivas para ajuste numa gestão com falhas são trocadas por acusações de conluio para algum golpe na praça. E há exemplos à vista de perder-se dedos para ficarem anéis lustrosos, à vista.

Na corte, o clima de guerra tornou a fluência processual um inferno. A audiência, um tipo de ringue para socos verbais. Em diversas ocasiões, a prudência exige que as partes entrem por portas diferentes, resguardem-se fisicamente separados por uma boa distância. Enfim, alguma coisa precisava ser feita.

Felizmente, as mediações em processos de recuperação judicial come-

çam a clarear estes conflitos. No processo de falência já havia audiências de conciliação e mediações entre credores, administradores e o próprio falido conforme várias sessões ocorridas perante a 1ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais do Foro Central – João Mendes Junior.

Ao ver os primeiros casos cuidados por esse recurso, constata-se um tipo de gestão democrática dentro do processo. Isso é possível porque os processos de grande complexidade como de falências e recuperações judiciais não podem ser geridos como os demais processos.

Tanto o processo de falência como o de recuperação judicial exige a necessidade de agilizar procedimentos para viabilidade da empresa em superar a crise econômica. Impedir que um caso específico afete de modo grave a saúde econômica dos integrantes da cadeia fornecedora. Isso é importante porque a condução desses processos demanda várias manifestações, como por exemplo do Ministério Público, dos interessados, dos credores até que, finalmente, o juiz decida. Quase sempre, essa decisão está bem distante do tempo ideal, tendo como consequência indesejada o desaparecimento dos interesses tutelados.

Assim, com as audiências de gestão democrática todos os envolvidos par-

ticipam intensamente na busca de soluções. O conjunto de decisões que demandaria muito tempo podem ser efetivadas até no mesmo dia, garantindo a todos a participação e comprometimento dentro do andamento processual, sem falar na fiscalização do processo.

Por outro lado, a introdução de sessões de mediação nas recuperações judiciais trará um grande avanço entre credores e recuperandas, prestigiando a justiça da pacificação, aparecendo aqui mais uma oportunidade de negociação entre credores, administradores, gestores e empresas em dificuldades.

Destaque-se ainda que a mediação encontra maior abrangência na recuperação extrajudicial juntamente com o procedimento estabelecido pela Lei 13.140/2015, mais precisamente sobre a mediação extrajudicial prevista nos artigos 21 e seguintes, dando a oportunidade para os credores, através de carta convite, negociar diretamente com seus devedores, construindo assim uma forma de pagamento viável para empresa, preservando as relações negociais.

Além de custos bem mais reduzidos, teremos através da mediação no processo recuperacional, mais celeridade e ganhos para todas as partes, mantendo-se a empresa, credores, empregados e relações de negócios.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



Emergência planetária

Na noite do dia 20 de julho nosso olhar foi novamente direcionado, com emoção, ao céu, para observar aquela Lua na qual cinquenta anos atrás um homem pisava pela primeira vez, abrindo o horizonte da humanidade para novos mundos.

Ao tempo em que se comemorava aquele evento excepcional, duas notícias sobre um Planeta Terra cada vez mais torturado nos colocaram dramaticamente com os pés no chão. A primeira notícia veio da Islândia, onde a partir de agosto uma placa lembrará o Okjökull, o primeiro dos 400 glaciares do país a desaparecer devido ao aquecimento global. Todas as nossas geleiras poderão seguir o mesmo caminho.

A segunda notícia mostrou ao mundo a imagem do rosto atônito de um índio Awá que, no verde exuberante da floresta amazônica brasileira, mostrava-se assustado com o saque violento dos ricos recursos naturais do território indígena.

Pagaremos um preço alto com a espiral destrutiva na qual a Terra foi projetada com o modelo econômico não sustentável, com políticas de visão curta e comportamentos perversos, que colocam em risco populações e uma riquíssima carga de história e cultura.

Vários sinais de alerta foram acionados nos últimos cinquenta anos, mas, mesmo assim, cometemos o erro de subestimá-los e ignorá-los. Negamos uma verdade importante, que implicará na nossa sobrevivência. Nos recusamos a ouvir o grito silencioso da terra, da natureza.

Hoje, aquele pequeno montículo de gelo que emerge com dificuldade entre as rochas é um triste simulacro de um gigante milenar agora irremediavelmente perdido.

Aquele olhar alarmado do índio Awá nos coloca cara a cara com as nossas responsabilidades em relação à natureza, que infelizmente tornou-se hoje uma mera moldura nas nossas vidas.

Temos pouco mais de uma década para reverter o curso. É difícil dizer se é um excesso de pessimismo, mas dados recentes não levam a uma visão otimista, quando observamos o mais rápido aumento das temperaturas nos últimos dois mil anos.

O recado da ciência é claro. Estamos numa situação de emergência planetária e poderemos conhecer catástrofes nunca vistas antes. Caso não ocorram mudanças drásticas e urgentes, haverá consequências devastadoras. O planeta se dirige para o colapso climático.

As atividades antropogênicas (humanas) degradaram os ecossistemas da Terra e minaram as bases ecológicas da sociedade. A temperatura mundial aumentou de 0,8 a 1,2 graus centígrados.

Na última década, ocorreram oito dos dez anos mais quentes da história. Há uma advertência que a temperatura do Ártico aumentará de 3 a 5 graus centígrados até 2050.

Com isso, a região será devastada, elevando o nível dos oceanos em todo o mundo. As terras em risco de degradação abarcam 29% das terras do mundo, onde habitam 3,2 bilhões de pessoas.

Nove milhões de pessoas morrem por ano pela poluição do ar e da água. Desde 1970, desapareceram 40% das zonas úmidas e houve uma redução de 60% da população mundial de vertebrados.

Cerca de 2,3 bilhões de pessoas – uma em cada três habitantes do mundo – não têm acesso a serviços de saneamento adequados. A cada ano, morrem 1,4 milhão de pessoas por doenças evitáveis, como diarreia associadas à água potável contaminada.

É necessário adotar medidas urgentes, em uma escala sem precedentes, para deter e reverter essa situação e assim proteger a saúde humana e ambiental. Algumas das medidas essenciais são reduzir a degradação da terra, a perda de biodiversidade e a poluição do

ar, da terra e das águas. É necessário também melhorar a gestão da água, mitigar a mudança climática e reduzir a queima de combustíveis fósseis.

A mudança climática é produto do aumento da temperatura pela ação humana e implica mudanças drásticas no meio ambiente para evitar inundações, secas, derretimento de geleiras. Entre as principais causas da mudança climática incluem-se a emissão de gases do efeito estufa – principalmente o dióxido de carbono (CO2) – e a queima de combustíveis fósseis (gás, petróleo, carvão).

As grandes potências econômicas são as principais culpadas, pois 76% das emissões provêm dos países do G20, encabeçados por China, Estados Unidos, União Europeia, Índia, Rússia, Japão e Alemanha. A mudança climática tem efeitos diretos e profundos na economia e na sociedade, colocando em risco os meios de subsistência, aumentando a pobreza, a migração e afetando as populações em situação de vulnerabilidade.

Os padrões atuais de consumo, produção e desigualdade não são sustentáveis, principalmente nos países desenvolvidos. Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre panorama dos recursos globais aponta que o rápido aumento da extração de materiais contribui também para a mudança climática e a para a perda de biodiversidade.

O problema tende a piorar, a não ser que o mundo empreenda urgentemente uma reforma sistêmica do uso de recursos. A extração de recursos naturais triplicou, de 1970 até hoje. O uso de combustíveis fósseis aumentou 45%. Caso o mesmo caminho seja mantido, em 2060, as emissões de gases do efeito estufa poderão aumentar 43%. Se isso ocorrer, não haverá amanhã para muitas pessoas, a menos que paremos.

A situação é tão crítica que o calor na Europa tem feito com que geleiras

da região se transformem em “cachoeiras”, na Groenlândia. Embora as temperaturas na ilha gelada não costumem ultrapassar os 10 graus Celsius nos meses de verão, nos últimos dias foram registrados quase 23 °C.

Como consequência, as camadas de gelo que normalmente cobrem o território estão derretendo e formando poças, lagos e rios. Não se sabe ainda quais serão as consequências desse aumento sem precedentes do degelo, uma vez que nem toda a água da superfície se infiltrará pelo manto. As projeções atuais apontam que, se as emissões de carbono continuarem nos mesmos patamares, dentro de dois séculos, o derretimento de gelo na Groenlândia contribuirá para um aumento de mais de 1,5 metro no nível dos mares. Pode parecer pouco, mas essa elevação é suficiente para encobrir dezenas de cidades costeiras pelo mundo.



PETINHADAS

*** E PRA FECHAR...

O novo colonialismo

Nas salas de aula, no ensino fundamental, aprendemos as primeiras noções sobre as origens do nosso País. Da chegada dos portugueses até o estabelecimento de uma república independente, nos acostumamos a dividir nossa história a partir de um período conhecido como “colonialismo”.

Embora nos livros escolares esse período tenha uma data de começo e de fim, ele não acabou. Se antes a ambição era voltada para riqueza das nossas terras, agora ela é direcionada para os nossos dados pessoais, que estão sendo monetizados pelo Google, Apple, Microsoft e Facebook, empresas mais lucrativas do mundo.

Essas empresas coletam, processam e usam em plataformas conectadas informações de bilhões de pessoas em todo o planeta, gerando uma riqueza extraordinária.

Elas sabem por onde você anda, que lugares frequenta e com quem fala. Conhecem sua opinião sobre assuntos íntimos, refinando suas lupas tecnológicas para definir a classe social de alguém, usando detalhes como a qualidade do celular usado.

Os serviços dessas empresas são gratuitos, como se fossem “potes de mel”, mas em troca deles disponibilizamos os nossos dados, tendo os nossos passos seguidos, mesmo quando desligamos nossos smartphones.

O capitalismo só aconteceu por causa do colonialismo. Foi daí que veio dinheiro, o combustível do capitalismo. Não há capitalismo por um lado e colonialismo de outro. Eles são faces de um mesmo processo.

(ANTÔNIO CARLOS LUA - JORNALISTA)